



A imigração italiana no Paraná no olhar de viajantes italianos

The italian immigration in the state of Paraná in the italian's travellers

Fábio Augusto Scarpim¹

Resumo

Este artigo analisa as impressões de viajantes italianos sobre a imigração italiana no Paraná. São eles Pietro Colbacchini, Alfredo Cusano e Ranieri Veronese que estiveram no Estado entre os anos de 1886 e 1912. A parte privilegiada das descrições desses autores referem-se as colônias instaladas na capital e nos seus arredores. Em seu inventário físico e humano do Paraná, especialmente das colônias imigrantes, esses homens descreveram os aspectos positivos e negativos da experiência imigratória, destacando as possibilidades e os limites para instalação de novos imigrantes. Na mesma direção o progresso das colônias já estabelecidas, os discursos das qualidades dos imigrantes sobre os nacionais e a importância da preservação da italianidade.

Palavras chaves: imigração italiana, Paraná, viajantes.

Abstract

This article analyzes the impressions of Italian travellers about the Italian immigration in the state of Paraná. They are Pietro Colbacchini, Alfredo Cusano and Ranieri Veronese that were in the State between the years 1886 and 1912. The privileged setting in the descriptions of these authors refer to the colonies installed in the capital and on its outskirts. In their inventory the physical and human state of Paraná, especially in the colonies immigrants, these men have described the positive and negative aspects of the experience of immigration, highlighting the possibilities and limits for installation of new immigrants. In the same direction as the progress of the colonies already established, the speeches about the qualities of the immigrants over the national, and the importance of the preservation of the italianidade.

Keywords: Italian immigration, Paraná, travellers.

¹ Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná. Professor do Centro Universitário Campos de Andrade. E-mail: fabio_scarpim@hotmail.com



Introdução

Desde a emancipação política da província em 1853, quando esta se desmembrou de São Paulo, o Paraná se constituiu em destino de milhares de imigrantes estrangeiros, na maior parte europeus, que se aventuraram rumo à terra das araucárias, em busca de melhores condições de vida, do sonho de conquista da propriedade ou atraídos pela propaganda imigratória governamental ou das sociedades de imigração. Junto a dezenas de milhares de imigrantes foram muitos os viajantes (missionários, jornalistas, cientistas, médicos e aventureiros) que passaram pelo Paraná e fixaram residência por curto espaço de tempo ou, em algumas ocasiões por anos, e deixaram registradas suas impressões sobre as pessoas e seu modo de vida e a paisagem regional.

Viajantes como o francês Auguste de Saint-Hilaire, o alemão Robert Avé-Lallemant e o inglês Thomas Bigg-Wither que passaram pelo Paraná no século XIX já registravam seu encantamento pela jovem província, especialmente pelo clima e pela natureza bastante propícia para o estabelecimento de colonos europeus². As descrições desses viajantes possibilitam o conhecimento de muitos aspectos do cotidiano da sociedade paranaense, bem como a visão e o imaginário europeu a respeito do Brasil Meridional. Conforme bem observou Francisco Moraes Paz (1987) apesar do encanto pela natureza e pelas paisagens paranaenses é notória, na escrita dos três viajantes citados, o desprezo pela população local que, apesar da receptividade e da bonança, foram descritos como indolentes, atrasados e ignorantes. A visualização do progresso e as expectativas de futuro eram depositadas na Europa e nos imigrantes europeus, ou nas palavras de Paz (1996, p.15) “a utopia do século XIX situa-se na própria Europa e projeta-se num futuro de realizações. Ela pode ser definida como a busca da modernidade, e desenhada a partir da visão européia de civilização, sociedade e história”.

Como o escopo deste artigo é a imigração italiana nos concentraremos nos relatos produzidos por viajantes da mesma nacionalidade, de modo a compreender qual eram as avaliações que esses homens fizeram das experiências iniciais dos imigrantes no Paraná e como tais avaliações contribuíam para divulgar o Paraná na propaganda emigracionista na Itália, salientando quais eram os locais mais adequados para o estabelecimento de colonos europeus, os desafios a ser enfrentados, as dificuldades, bem como as contribuições para o lugar. Assim, acompanhamos as narrativas dos viajantes do século XIX que, ao fazer um inventário físico e humano do Brasil, especialmente do Paraná, contribuíram para divulgação das terras a ser colonizadas e para a atração de imigrantes. Para compreendermos alguns aspectos do olhar dos observadores italianos sobre a imigração no Brasil Meridional, especialmente das colônias localizadas no entorno da cidade de Curitiba, analisamos textos de três autores: Pietro Colbaccini, Alfredo Cusano e Ranieri Veronese.

2 Os relatos dos viajantes referidos foram publicados em livros nas cidades e nos anos, respectivamente de Paris 1851, Leipzig 1859 e Londres 1878. No caso do viajante Auguste Saint-Hilaire embora a viagem tenha sido feita em 1820, seu relato foi atualizado com anotações e dados de outros viajantes e com informações de relatórios dos Presidentes de Província e Anuários. Essa atualização sugere a ideia de produzir um inventário sobre o Brasil que funcionaria como propaganda para a vinda de imigrantes estrangeiros.



O texto *Le condizioni degli emigrati nello stato del Paraná in Brasile* do missionário escalabriniano Pietro Colbacchini data de 1892 e é endereçado ao Patronado para os emigrantes sob a presidência honorária do Monsenhor Giovanni Battista Scalabrini e do marquês Volpe Landi de Piacenza, que também foi inserido como apêndice na obra de Ferruccio Macola *L'Europa alla conquista dell'America Latina* publicada em Veneza no ano 1894 pela editora Ferdinando Ongania. O segundo texto é um número específico da Revista *Italica Gens*³ publicada em 1913 que trata de uma relação de visitas feitas pelo doutor Ranieri Veronesi no ano anterior nos três Estados do Brasil Meridional. Por fim as impressões do jornalista Alfredo Cusano que viveu cinco anos no Rio Grande do Sul, mas visitou também os estados do Paraná e Santa Catarina e publicou sua experiência no livro *Itália d'oltre mare: Impressioni e ricordi dei miei cinque anni al Brasile* no ano de 1911.

Imigrantes italianos no Paraná

A imigração italiana em massa no Paraná tem início em 1875. Antes dessa data há registros de alguns, mas eram poucos e diluídos entre outros grupos, como aqueles que integravam a colônia Assungui, fundada em 1860 e pertencente ao atual município de Cerro Azul. Antes mesmo da presença em grande quantidade de imigrantes italianos o Paraná foi percorrido por um viajante dessa nacionalidade. Giuseppe Banfi⁴ percorreu a província em 1858, poucos anos após a criação da mesma, e deixou registrado em seu diário as impressões sobre o espaço conhecido: sua gente, seus hábitos e suas impressões sobre a paisagem.

A questão imigratória no Paraná, especialmente a vinda de colonos *morigerados e laboriosos*, já era debatida pelas autoridades provinciais desde a sua criação e foi apontada como uma solução para resolver os problemas relativos à baixa densidade demográfica, os chamados “vazios demográficos”, a carência de mão-de-obra, bem como a ausência de uma agricultura diversificada naquele contexto de início do processo de transição do trabalho escravo para o livre.

Os anos que se seguiram à emancipação política da província foram marcados pelo aprofundamento da política imigratória, numa ação conjunta das autoridades imperiais e provinciais (Machado *et al*, 1969, p.163). Inicialmente houve uma tentativa de promover a colonização no litoral paranaense nas pro-

3 Associação *Italica Gens: Federazione per l'Assistenza degli emigranti transoceanici e diretta dall'Associazione Nazionale per Missionari Cattolici italiani* era constituída por membros de todas as ordens e congregações religiosas que tinham missionários entre os imigrantes na América (salesianos, jesuítas, franciscanos, scalabrinianos, capuchinhos, conventuais e vários outros). Com sede no *Segretariato Centrale di Torino* e missionários atuantes nos portos de Genova e Nápoles, o escopo da Associação era aconselhar, orientar e atender religiosamente os emigrantes italianos tanto na partida como no estabelecimento no local de destino na América. Da mesma forma, informar às autoridades italianas as condições que se encontravam os imigrantes nos países de destino, e os eventuais problemas (exploração, situações de doença, fome, conflitos) que viessem surgir na experiência migratória.

4 Sobre as impressões desse viajante ver: VANNUCCI, Alessandra. Un baritono ai tropici. Diario di Giuseppe Banfi nel Paraná. 1858. Reggio Emilia: Diabasis Edizioni, 2007.



ximidades das cidades de Morretes, Antonina e Paranaguá, mas uma série de problemas como: a insalubridade do clima, a falta de conhecimento e orientação para superar as moléstias tropicais e as pragas da lavoura, a ausência de mercados consumidores e a ambição de agenciadores de imigrantes como o caso do italiano Sabino Tripotti tornaram a experiência um verdadeiro desastre. Esse fracasso é enfatizado no relato de Colbacchini (p.556, tradução minha) que alertava seus conterrâneos para não se instalarem no litoral devido às precárias condições sanitárias e de adaptação e ao abandono dos imigrantes a sua própria sorte.

Me sinto no dever de gritar tão alto, para ser ouvido do outro lado do mar aos meus conterrâneos: a vocês que emigram para o Paraná, atentem aos lugares infectos de Paranaguá, Morretes e Antonina e de todo este litoral, se querem evitar a maior desgraça que jamais vos possa acontecer⁵.

Diante do fracasso da experiência colonizadora no litoral, especialmente na administração do governador Adolpho Lamenha Lins, foram instaladas várias colônias nas proximidades da capital Curitiba. O clima mais ameno, a inexistência de moléstias tropicais, a existência de terrenos férteis nas proximidades a capital bem como a facilidade para o escoamento dos produtos agrícolas garantiu êxito ao programa, conforme destacou o governador no seu relatório de 1877 (p.81-82).

O colono europeu, por via de regra, desanima diante das nossas mattas virgens, porque para elle é completamente ignorada essa cultura extensiva, da derrubada, da queima e das sementeiras a vôo, e é por isso que internados nas colonias afastadas dos centros populosos, elles fogem de entregar-se a esse trabalho improbo, que lhes é inteiramente desconhecido, acontecendo muita vez que o desastre que na primeira derrubada fere a um, basta para amedrontar uma expedição inteira. É preciso pois preparar o colono para penetrar nas regiões das mattas virgens, riquissimas de uberidade, e de seiva, porem cuja rude magestade os assombra e intimida. D'ahi a vantagem de estabelecê-los primitivamente, nos arredores dos centros populosos, ahi, perto de todos os recursos, ao passo que se dedica a cultura que conhece, e tem mercado prompto e consumo immediato para os seus productos, o colono ensaia essa cultura nacional que lhe é inteiramente estranha, mais que a elle tem de entregar-se mais tarde, pela natureza das plantas que tem de cultivar, e do terreno em que elles produzem. (...) Foi sob o domínio dessas ideias, que adoptei o systema do estabelecimento de colonos nos arredores da capital.

5 mi sento in dovere di gridare tanto alto, da essere udito al di là dei mari dai miei connazionali: o voi che emigrate per il Paraná, guardatevi dai luoghi infetti di Paranaguà, Morretes ed Antonina e da tutto questo litorale, se pur volete evitare la più grande disgrazie che mai vi possa incogliere.



A partir da administração de Lamenha Lins a colonização nos arredores de Curitiba se desenvolve. O final dos anos 1870, as décadas de 1880 e 1890 são marcados pela expansão da fixação de imigrantes chegando ao auge da política imigratória no Paraná subvencionada pelo governo provincial. O êxito logrado com a experiência imigratória, não apenas no Paraná, mas no Brasil Meridional como um todo, se transforma em objeto da atenção de observadores estrangeiros, seja por parte das instâncias eclesiásticas preocupadas com a situação religiosa dos imigrantes, seja por parte das autoridades políticas interessadas na manutenção dos vínculos cívicos e identitários dos emigrados com a pátria mãe e na promoção da propaganda imigratória na Itália.

Impressões dos viajantes sobre os imigrantes italianos: avanços e impasses da ação colonizadora;

No caso do primeiro autor analisado – o sacerdote Pietro Colbacchini – ele não é exatamente um viajante, mas um missionário que viveu muitos anos entre os imigrantes italianos, primeiro em São Paulo, depois no Paraná e produziu uma intensa correspondência com o fundador da Congregação Scalabriniana, o bispo Giovanni Battista Scalabrini, bem como com outras instâncias eclesiásticas na Itália. Tomamos o texto citado como relato de viagem, embora não seja resultado de uma viagem propriamente, mas de alguns anos de missão porque ele apresenta características típicas da literatura de viagem. Conforme salientou Stella Maris Scatena Franco (2006) os relatos de viagem são produzidos na maioria das vezes a partir de experiências de indivíduos deslocados de suas realidades de origem que frequentaram a realidade de outrem. Assim, tornam-se depositários de narrações, de fatos e experiências por eles vivenciados, mas que carregam seus valores, suas visões de mundo e sua subjetividade. Enfim, de representações e práticas que produzem daquilo que vêem.

Outro aspecto a ser destacado é a respeito do momento da escrita de tais impressões. Quando estas foram feitas? Durante a experiência ou posterior a ela? Não temos a resposta para essas questões. Mas podemos inferir a partir do que temos a mão que, em ambos os casos, foram logo posteriores às experiências com os imigrantes, devido a distância entre o período de suas vivências e a publicação de seus escritos. No caso de Colbacchini e Cusano que viveram longos anos no Brasil Meridional, é certo que eles testemunharam transformações no processo de estabelecimento das colônias, o que contribuiu para ressaltarem a importância do trabalho imigrante no desenvolvimento e no progresso do lugar onde se estabeleceram. De qualquer forma, a narrativa desses autores não era desinteressada, pois buscavam divulgar as potencialidades da imigração no Sul do Brasil, destacando suas vantagens e limites, bem como enfatizavam a necessidade de preservação da identidade étnica imigrante, vale dizer: a *italianidade*.

O relato de Colbacchini, por exemplo, emite um juízo a respeito da emigração. Esta é aconselhada somente para aqueles que não encontram outra solução para sua situação de miséria e pobreza ou para aqueles que, por conta de possuírem família numerosa não conseguem mantê-la. Como religioso, seu



discurso é voltado para prevenir problemas em torno da emigração: aqueles que por ganância e pelo desejo desenfreado em melhorar de vida acabavam se perdendo em vícios. A preocupação em relação aos emigrantes que partiam da Itália se dava em torno da facilidade de se cair nos vícios (alcoolismo, violência, desregramento moral, libertinagem sexual) do abandono das práticas religiosas e da perda da fé. Assim a emigração para o campo, a organização em colônias com imigrantes dos mesmos locais de origem, era mais recomendada que aquela direcionada para as cidades, pois dessa forma a manutenção das práticas culturais, principalmente religiosas, seriam garantidas. No olhar do sacerdote, a religião funcionaria como uma barreira contra a assimilação e também como corretora dos vícios. Cabe destacar que o relato de Colbacchini é contemporâneo ao desenvolvimento da experiência anarquista da colônia Cecília em Palmeira com imigrantes italianos e também do desenvolvimento anticlerical em Curitiba.

Entre os observadores italianos que percorreram as diversas áreas de imigração de seus conterrâneos foi unânime a visão de que a colonização nos três Estados do Sul se constituiu em uma experiência particular se comparada às demais partes da América. Nestas colônias foi destacada nos textos a preservação, quase intactas, de determinadas práticas ancestrais como: uso do dialeto da região de origem, a religiosidade, o associativismo comunitário, a preservação da cultura, entre outros aspectos que em outras áreas de imigração estavam em vias de transformação ou desaparecimento tendo em vista o contato mais estreito com a sociedade hospedeira. A causa essencial das diferenças entre os processos de transformação e manutenção das características étnicas nas coletividades italianas nos diferentes lugares de instalação, segundo os observadores, se relacionava especialmente ao fato que nas colônias dos três Estados meridionais a grande maioria dos imigrantes era constituída de agricultores que foram instalados em colônias, que em geral se localizavam no meio rural, e com relativo grau de autonomia social e econômica. Por isso a ênfase de Colbacchini na imigração camponesa, ela seria a forma mais adequada não só de prosperidade econômica, mas de manutenção de uma catolicidade italiana.

Para Veronese (1913, p.132, tradução minha)

[...] do ponto de vista econômico e social as colônias dos três Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, se pode dizer, de quase todas que temos dispersas no Norte e no Sul da América, é que os nossos conterrâneos sendo na maior parte lá dedicados a agricultura, se tornaram pequenos proprietários de terra, poucos são os operários e os assalariados, e estes se encontram somente na cidade. Enquanto nos outros países, como à exemplo nos Estados Unidos e na Argentina, se tem entre os nossos emigrantes fortíssimo desequilíbrio de renda, dos milionários a um exército infelizmente numerosíssimo de assalariados miseráveis. Aqui as rendas são quase sempre modestas e muitas dentre elas equivalentes; e é raro encontrar pessoas válidas que faltam os meios necessários a vida. Assim o que lhe distingue do ponto de vista étnico é a maior conservação dos costumes e da língua italia-



na, permanecendo possível até o momento a formação de agrupamentos agrícolas italianos homogêneos isolados dos centros brasileiros⁶.

Segundo o autor a população italiana era calculada em 250.000 no Rio Grande do Sul, 40.000 em Santa Catarina e 30.000 no Paraná caminhando em contínuo crescimento. Em relação ao último Estado Alfredo Cusano (1911, p.191-192) indica que, no início do século XX, dos cerca de 500.000 habitantes, cerca de um quarto eram de origem estrangeira, sendo 75.000 poloneses (provavelmente incluiu os ucranianos), 25.000 italianos, 20.000 alemães e 5.000 de outras nacionalidades⁷. Cusano sugere que o número diminuto de italianos no Estado do Paraná se devia a má vontade dos dirigentes interessados muito mais em fazer política do que administração; visto que, segundo o autor; muitos colonos poderiam ser instalados porque [...] *as terras férteis situadas em posições favoráveis e salubres ainda eram numerosas e poderiam fazer a fortuna de milhares e milhares de colonos* (Cusano, 1911, p.192, tradução minha)⁸.

Ao contrário do que acontecia nos Estados Unidos e Argentina no qual as gerações sucessivas rapidamente absorviam as características do país hospedeiro, sendo necessárias novas levas de imigrantes para manter a presença italiana, no Sul do Brasil os imigrantes continuavam a manter as tradições e a língua ancestral. Nesse sentido Veronese faz uma comparação com as colônias alemãs que eram mais antigas e que se mantinham bastante presente nos três Estados com destacada influência política e religiosa, assim como ocupavam postos importantes no comércio e na indústria. O sucesso da experiência germânica seria devido aos contínuos contatos com a Alemanha, especialmente no que se refere aos investimentos econômicos, bem como o valor dado a escola para a formação das novas gerações e a manutenção da língua e da cultura ancestral. Nessa direção, destaca a importância da conservação do idioma e de seu ensino como forma de cimentar a identidade étnica e de combater a desnacionalização vista como uma ameaça constante.

Na visão de Veronesi, no Brasil Meridional o investimento financeiro na escola seria muito menor se comparado a outros lugares da América, justamente

6 [...] dal punto di vista economico-sociale le colonie dei tre Stati di Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, si può dire, da quasi tutte le altre che abbiamo sparse nel Nord e nel Sud America, è che i nostri connazionali essendosi per la massima parte colà dedicati all'agricoltura, vi sono divenuti tutti piccoli proprietari di terra; pochi sono gli operai ed i salariati, e questi si trovano solo nelle città. Mentre negli altri paesi, come ad esempio negli Stati Uniti e nell'Argentina, si hanno fra i nostri emigranti fortissimi disequilibri di fortune, dai multimilionari ad un esercito purtroppo numerosissimo di salariati miserabile. Qui le fortune sono quase sempre modeste e molte fra loro equivalenti; ed è raro trovare persone valide che manchino dei mezzi necessari alla vita. Ciò che le distingue dal punto di vista etnico è la maggior conservazioni dei costumi e della lingua italiana, resa possibile fino ad ora dalla formazione di aggruppamenti agricoli italiani omogenei isolati dai centri brasiliani.

7 R. Veronesi dá outra indicação a respeito da população paranaense que seria de 360.000 sendo cerca de 70.000 poloneses e em seguida os italianos que seriam menos de 30.000. Depois cita os alemães que se encontravam, sobretudo, na cidade de Curitiba, mas sem mencioná-los numericamente (Veronesi, 1913, p. 328).

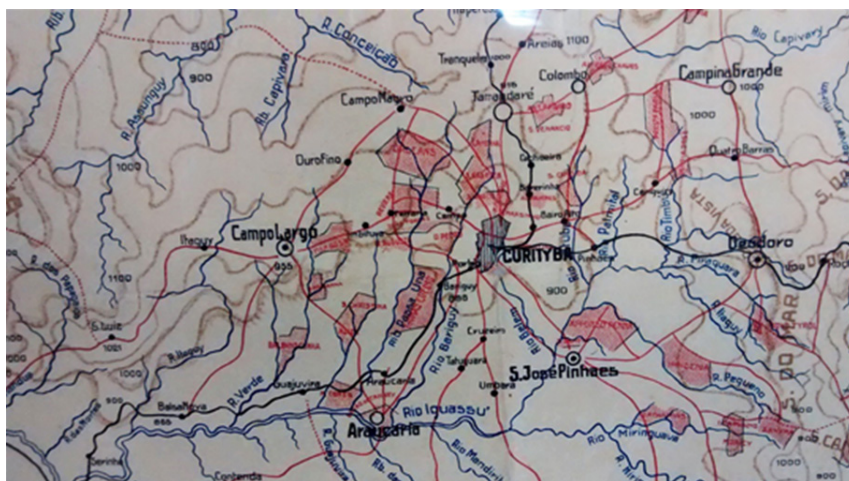
8 le terre più fertili e situate in posizioni ridentissime e salubre sono ancora numerose e potrebbero ancora fare la fortuna di migliaia e migliaia di coloni .



porque o meio favoreceria. Sendo assim, caberiam as autoridades italianas o investimento financeiro na escola, visto que ao optarem por manterem-se italianas estas não recebiam subsídios do governo brasileiro.

Colbacchini partilha das mesmas opiniões de Veronesi. A manutenção da língua seria veículo primordial para a manutenção da italianidade. Na ótica escalabriniana o binômio fé/italianidade era condição essencial para a sobrevivência das características do grupo. Assim, muitas das colônias contavam com sacerdotes das suas regiões de origem que mantinham a língua e a cultura da pátria ancestral, não se preocupando com o aprendizado do português. Mas essa prática em diferentes ocasiões encontrou resistências das autoridades eclesiásticas locais, como por exemplo, o bispo de Curitiba entre os anos 1904 e 1908, D. Duarte Leopoldo e Silva, que defendia a ideia de que os imigrantes e seus descendentes deveriam se integrar a sociedade nacional e impôs dificuldades para a atuação do clero escalabriniano.

Do ponto de vista econômico, em geral as colônias foram apresentadas como modestas. Reitera-se que o viajante sempre fazia comparações, fosse com as colônias do Rio Grande do Sul, a exemplo de Caxias do Sul, colônia bastante próspera, como as colônias alemãs de Santa Catarina. Tal situação é atribuída ao isolamento e especialmente às deficiências do sistema de transportes. Segundo Veronese, o maior ou menor desenvolvimento das colônias estaria ligado principalmente a sua localização e à distância em relação aos principais centros. Também em relação à antiguidade da fundação, as mais velhas teriam usufruído dos melhores terrenos enquanto as mais novas teriam ficado com terras mais pobres ou mais distantes da cidade. Outro fator apontado foi justamente o fato de os Estados receptores não terem investido na formação de uma rede de estradas e de infra-estrutura que viesse a promover o desenvolvimento regional. Assim, as colônias que se encontravam em áreas mais distantes estariam sujeitas a um menor grau de desenvolvimento. Essa observação tem fundamento, pois se tratando de uma população majoritariamente camponesa cuja razão de estar ali se relacionava ao interesse em diversificar a agricultura, percebe-se que as colônias que rapidamente progrediram foram justamente aquelas que estavam localizadas mais próximas aos centros consumidores ou em posições estratégicas, próximas as principais estradas. A localização das colônias pode ser visualizada no mapa abaixo:





Fonte: Mapa da Zona colonizada do Estado do Paraná organizado pelo Engenheiro Dr. Ferreira Correia, 1927. Arquivo Público do Paraná. M110/Gav. F

No que toca as colônias do Paraná os autores citados descreveram com detalhes as impressões sobre os aspectos naturais, geográficos, populacionais, econômicos e políticos que, com algumas pequenas variações entre eles, compartilham das mesmas visões encontradas nos relatos dos viajantes anteriores e que são típicas do olhar estrangeiro: o encantamento com as belezas naturais, a exuberância da flora e certo desprezo em relação aos nativos (os caboclos). Como o que nos interessa aqui é destacar a visão dos mesmos sobre os aspectos étnicos e religiosos da população de origem italiana localizada em Curitiba e seu entorno, nos concentraremos em tais aspectos.

Das 45 colônias que contava com a presença de italianos no final do século XIX e início do século XX no Estado foram destacadas aquelas de Água Verde, Pilarzinho e Santa Felicidade como sendo as mais ricas e prósperas pelo fato de serem as maiores e estarem localizadas em posição favorável ao desenvolvimento econômico. No caso das duas primeiras, praticamente dentro do quadro urbano da capital, apesar do progresso dos colonos era lamentada a perda das características herdadas da pátria mãe bem como o processo de nacionalização dos hábitos e costumes devido aos contatos mais estreitos com a população brasileira, conforme registrou Veronese (1913, p.335-336, tradução minha) nas suas impressões:

Percebi muitas vezes lamentar dos italianos respeitosos e conhecedores do ambiente, que a nossa colônia de Curitiba e entorno está sob via de desregramento no que toca a conservação nacional e infelizmente eu mesmo devo constatar a verdade da afirmação. Uma boa parte dos nossos compatriotas lá residentes são imediata e inteiramente deixados absorver pelo ambiente e podem ser considerados brasilianizados nos sentimentos e nos costumes⁹.

Destaca-se que aqui a descrição do autor, registrada quase vinte anos após a análise de Colbacchini, vinha no sentido contrário daquilo que era almejado pelo clero escalabriniano. Na visão de Veronesi o processo acentuado de absorção brasileira se relacionaria ao contato mais estreito com a população local e isso se dava mais intensamente no ambiente urbano. Por outro lado, aqueles que se encontravam em áreas mais afastadas da cidade, com atividades predominantemente rurais, como era o caso de Santa Felicidade, conservariam melhor os elementos originários da Itália. Aqui podemos bem compreender o porquê da valorização de Colbacchini em relação à imigração em colônias. Cusano (1904, p.105, tradução minha) destacou com certo saudosismo a colônia de Santa Felicidade como a mais bela prova daquilo que o imigrante italiano poderia se

⁹ Ho sentito più volte lamentare da italiani autorevoli e conoscitori dell'ambiente che la nostra colonia di Curitiba e dintorni, è sulla via del disregramento. Nei riguardi della conservazione nazionale e purtroppo io stesso ho dovuto constatare la verità dell'affermazione. Una buona parte dei nostri connazionali colà residenti si sono subito ed interamente lasciati assorbite dall'ambiente, e si possono considerare come brazilianizzati nei sentimenti e nei costumi.



transformar.

Queria pode ter a virtude de devolver, com toda a força de seu vibrante entusiasmo, a admiração que suscitou em mim a colônia de Santa Felicidade na primeira vez que a visitei, para fazer conhecer na Itália o quanto soube e pode operar no Brasil o colono italiano ¹⁰.

O êxito alcançado em Santa Felicidade era medido não só pelo desenvolvimento da colônia que contava com famílias de agricultores bastante prósperos, artesãos e comerciantes, mas também pelo complexo paroquial construído (igreja, campanário, casa paroquial, cemitério, e especialmente a escola). No caso da educação desde 1900 contava com uma escola conduzida pelas Irmãs do Sagrado Coração de Jesus e frequentada por 150 alunos e que recebia subsídio do governo italiano de 1500 libras anuais. Além da escola mantida pelas Irmãs Missionárias havia mais duas, cada uma com cerca de 25 alunos cada, uma conduzida por um mestre italiano e outra por uma professora brasileira. As colônias de Água Verde e Pilarzinho também possuíam escolas conduzidas pelas Irmãs do Sagrado Coração com 80 e 43 alunos respectivamente, ensino italiano e sem subsídio do governo italiano. Na cidade encontrava-se uma escola mantida pela Associação Dante Aligheri com 36 alunos e subsídio de 1000 libras do governo italiano. Também existia uma no bairro Ahú mantida pela Sociedade M.S. Vittorio Emanuele III frequentada por 31 alunos e auxílio de 1000 libras anuais. Fora de Curitiba havia uma na Vila Colombo com 32 alunos e 500 libras de subsídio e uma última na colônia Virmond com 56 alunos e 500 libras de subsídio (Cusano, 1904, p.204-207).

É importante destacar que a escola era vista como um dos meios fundamentais para a preservação da italianidade. Nesse caso tinha uma força ainda maior pelo fato desta ser conduzida por uma Congregação religiosa. O desenvolvimento da colônia que contemplava os aspectos almejados na formação de uma “civilização paroquial”, ou seja, colonos pequenos proprietários com famílias grandes, que mantinham a fé, a língua e a cultura ancestral, organizados em torno da paróquia levou Scalabrini (In Francesconi, 1973, p.293, tradução minha), após sua visita ao Paraná, a escrever ao papa Pio X que aquela colônia era o modelo ideal de colonização italiana.

[...] Tomado abrigo junto aos meus missionários a S. Felicidade. É esta a colônia modelo: a mais bem ordenada de todo o Brasil. Os missionários a tiveram em mãos em seu nascimento e, assistida continuamente, se mantém cristã, católica, fervente. Ontem comuniquei a um número enorme de pessoas. Se estende a cerca de 20 milhas ao interior e esses bons padres são em modo continuo não só para as colônias, mas ainda em todo o Estado para as missões. Estou a P. último confim civilizado. O lado de lá é tudo bosques habitados pelos índios selva-

10 Vorrei poter avere la virtù di rendere in tutta la forza del suo vibrante entusiasmo l'ammirazione che suscitò in me la colonia de S. Felicidade la prima volta che la visitai, per far conoscere in Italia quanto ha saputo e potuto operare in Brasile il colono italiano.



gens¹¹.

As palavras de Scalabrini são carregadas de positividade tendo em vista o enunciatório da carta: o Sumo Pontífice. As atividades dos missionários deveriam ser salientadas justamente para mostrar o sucesso da missão entre os imigrantes, bem como sua relevância. De qualquer forma a visão do bispo de Piacenza ilustra bem o modelo almejado para as áreas de colonização italiana na América (ao menos aquelas atendidas pelos missionários escalabrinianos), isto é, paróquias étnicas com relativo grau de autonomia que preservassem a italianidade. Cabe destacar que a impressão de Scalabrini sobre Santa Felicidade é estendida às demais colônias visitadas, mesmo naquelas na qual a situação descrita não se aplicava de acordo com aquela visão.

As palavras do bispo de Piacenza são escritas em um momento de dificuldades da missão escalabriniana no Paraná, principalmente por conta da ausência de mão de obra para levar adiante o projeto de manutenção da catolicidade italiana nas colônias. Quando da visita de Scalabrini, o Paraná contava com apenas três missionários, sendo que um havia chegado há apenas um ano. Nos anos seguintes a situação melhoraria com a atuação de mais três missionários tanto que em 1906 a missão contava com seis padres. Mesmo assim os resultados da missão foram apresentados como bem sucedidos, exemplos a serem seguidos.

Numa visão mais crítica, as colônias mais afastadas da capital foram descritas como mais modestas e pobres devido à precariedade de comunicação (estradas) para o escoamento dos produtos agrícolas, bem como a falta de assistência sanitária. Entre essas colônias foi destacado no relatório de Veronese, a colônia de Rondinha que é apresentada como um dos núcleos italianos mais importantes no município de Campo Largo com cerca de 120 famílias. Entretanto esta é descrita como uma colônia pobre com terrenos não muito férteis. É certo que aqui a comparação se fazia em relação à Santa Felicidade. Havia uma escola atendida por um mestre italiano. As demais colônias se apresentariam em condições análogas ou inferiores, a exemplo da colônia Ferrara com cerca de 60 famílias na qual a situação era agravada pelo fato de muitos não serem proprietários, mas trabalharem para os fundos de outros (Veronesi, 1913).

Com essa observação, para ele, a instalação de novas ondas imigratórias no Paraná não seria aconselhada, pois, os terrenos mais férteis localizados em áreas estratégicas – próximas a capital – estariam exauridos. O litoral era descartado por causa do clima e do fracasso de experiências anteriores, e os locais mais afastados não seriam indicados uma vez que sem preparação e orientação o fracasso da colonização seria quase certo. Por fim, destaca-se o Centro-Sul onde milhares de poloneses e ucranianos haviam sido instalados e que não era adequado instalá-los ali junto a estrangeiros.

11 [...]Presi dimora presso i miei Missionarii a S. Felicidade. È questa la colonia modello: la più ben regolata di tutto Il Brasile. I Missionarii l'ebbero in mano in sul nascere e, assistita continuamente, si mantenne cristiana, cattolica, fervente. Ieri comunicai un numero stragrande di persone. Si stende a circa 20 miglia all'interno e questi buoni preti sono in moto continuamente non solo per le colonie, ma ancora in tutto lo Stato per le missioni. Sono giunto a P. ultimo confine civilizzato. Al di là è tutto Bosco abitato dagli indii selvagici.



Os missionários que atenderam os imigrantes que se localizavam em regiões distantes ou que estavam misturados em outras colônias destacaram as dificuldades de manutenção das práticas ancestrais italianas, especialmente daquelas religiosas, como podem ser notadas nas palavras do missionário escalabriniano Natale Pigato (Francesconi, 1973, p.71-73), a respeito de seus dois meses de missão na região de Prudentópolis distante cerca de 200 km de Curitiba. Segundo o sacerdote o estado de abandono dos italianos, alemães e poloneses que viviam afastados de suas colônias era gritante. Em geral, eles não compareciam a missa, raramente praticavam a confissão e a comunhão, a única preocupação era batizar as crianças que depois não se preocupavam com o ensino de noções básicas de civilidade e moral cristã e as deixavam *crescer como animais*¹², passavam de uma união a outra sem se preocupar com o sacramento do matrimônio, não raro se deixam influenciar pelo espiritismo, maçonaria e protestantismo, além de serem supersticiosos. Pigato reitera que os mais solícitos eram sempre os poloneses e alemães enquanto os mais negligentes os seus próprios conterrâneos. Nas palavras do sacerdote: “Estes últimos quando vivem longe da Igreja e sem a visita de um sacerdote rapidamente se perdem” (Francesconi, 1973, p.73).

Com essa descrição pode-se destacar o quanto era importante a organização dos imigrantes em colônias sob o controle do clero italiano para a manutenção das práticas e costumes trazidos da pátria ancestral. Da mesma forma o peso da religião como forma de corrigir as desordens, como bem defendeu Colbacchini. Por outro lado, destaca que o fervor religioso não era uma qualidade natural dos imigrantes. Ao contrário, quando podiam se libertar do sistema de vigilância e controle imposto pelo clero, o faziam sem pestanejar.

Discursos de superioridade do imigrante

A visão a respeito das colônias italianas espalhadas pelo Brasil Meridional de fato não era homogênea. No campo social e intelectual enquanto para alguns teriam se conservado os mesmos caracteres e as mesmas condições que havia na pátria ancestral, sob outros aspectos teria havido um regresso como consequência do ambiente *semi-selvagem*¹³ no qual os colonos viviam. Destaca-se que o mito da vitória da civilidade, representado pelo imigrante, em um ambiente hostil e desafiador se daria graças ao trabalho duro e incansável, mas que nem sempre era alcançado. Para o sucesso de tal empreitada seria necessário organização, controle e respaldo financeiro por parte das autoridades nacionais e também dos países de origem dos imigrantes. Em um contexto colonialista, a presença imigrante passa a ser entendida como parte da política imperialista, no caso aqui tratado: italiana, que encontra consonância na visão e nos discursos de outros grupos como alemães e poloneses.

Na visão dos observadores estrangeiros a vitória da civilização sobre a barbárie não se fazia com os elementos nacionais, tidos como indolentes e pregui-

12 A expressão é de Pigato

13 A expressão é de Veronese.



çosos. Aliás, o elemento nacional era muitas vezes representado como obstáculo a concretização da civilidade. O elemento europeu, no caso aqui, o italiano era apresentado como precioso para o progresso do país, que traria “um tesouro incalculável de gênio, de operosidade, de força e de progresso”. Conforme destacou Piero Brunello (1994) a construção da epopeia da imigração, que reiterou os feitos dos imigrantes por meio da difusão do mito nacionalista e católico da fronteira, acabou por ofuscar a violência e os aspectos mais agressivos da ação dos imigrantes (que em algumas situações expropriou/expulsou ou até mesmo matou nativos indígenas das terras a serem ocupadas) em prol da construção de uma imagem do imigrante como trabalhador, honesto e devoto.

Essa construção, mitificada nas primeiras comemorações, encontra respaldo no discurso nacionalista brasileiro que nos meados do século XX estava impregnado pelas noções de raça e pelo ideal de branqueamento que permeavam não só o discurso das elites nacionais, mas também a visão dos viajantes e missionários. O discurso da superioridade da raça branca veiculado pela Antropologia Física percebia a mestiçagem como algo negativo. Portanto, a preservação das características étnicas era entendida como indispensável para a manutenção do vigor do trabalho que asseguraria a contribuição dos imigrantes no desenvolvimento econômico e social do país. Para Veronesi (1913, p.394, tradução minha)

Se às colônias dos nossos imigrantes se cortam a língua, as tradições, os costumes pátrios, se destrói em si o caráter da raça, se destroem as virtudes cívicas de trabalho e de atividades, se perdem nas mulheres aquelas virtudes domésticas e caseiras que são o fundamento de uma sociedade bem ordenada e de próspero futuro¹⁴.

Como resultado do desbravamento desse ambiente hostil e atrasado a paisagem e a atmosfera iam se transformando com a materialização do Vêneto rural em meio às igrejas, capitéis, campanários, as bodegas, a centralidade do sacerdote na vida comunitária, os encontros de domingo na praça ou na igreja como momento de sociabilidade. Mas esse processo não era isento de percalços. O isolamento, a deficiência de instrução e o novo ambiente favorecia a manutenção da superstição bem como o desregramento da família e até mesmo a adoção de comportamentos dos nacionais (caboclos) tão desprezados pelos europeus.

De fato, a visão dos observadores italianos aponta para dois elementos importantes que merecem ser destacados: a comparação com a colonização alemã, cujo progresso de dava, sobretudo, por conta da preparação da colonização e de sua manutenção com capital alemão, bem como da importância atribuída à escola. No olhar de viajantes de diferentes nacionalidades que passaram pelo Brasil Meridional, os alemães eram comumente apontados como modelos de laboriosidade e da mostra do progresso por meio do trabalho. Os italianos, ao invés, eram mais pobres, vieram com poucos recursos e praticamente não

14 Se alle colonie dei nostri immigrati si tolgono la lingua, le tradizioni, i costumi patrii, se distrugge in essi il carattere della razza, si distruggono le virtù civili di laboriosità e di attività, si perdono nelle donne quelle virtù domestiche e casalinghe che sono il fondamento di una società bene ordinata e di prospero avvenire.



recebiam suporte do governo italiano. Assim o lento progresso estaria ligado ao fato de as colônias terem sido deixadas ao abandono sem escola e sem ajuda (Veronese, 1913, p.393). Na descrição de Veronese, faltava maior empenho do governo italiano para a manutenção dos súditos da Grande Itália no exterior. Aliás, uma ideologia que ganhava peso naquele contexto.

Considerações finais

O olhar dos observadores italianos que visitaram as colônias aponta para impressões diversas, não comungando de um olhar homogêneo a experiência migratória. Conforme destacou Mary Anne Junqueira é impossível encontrar homogeneidade nos relatos de viagens, pois estes são constituídos a partir de propósitos distintos: viagens oficiais (governamentais), científicas, pessoais e aqui incluímos também religiosas como os registros de Colbacchini. Entretanto, algumas características são comuns. Os três textos estudados foram unânimes na visão negativa dos nacionais, bem como o destaque para o trabalho e a operosidade dos imigrantes que, com a instalação em locais adequados e com supervisão necessária, poderiam superar as dificuldades e trazer uma contribuição imprescindível para o desenvolvimento e progresso do Paraná.

Essa visão positivada dos imigrantes refere-se a um momento em que ganha força na Itália uma opinião favorável a imigração para o Brasil. Se até então o governo italiano havia feito quase nada para regulamentar a saída de seus compatriotas, no final do século XIX e início do XX a situação havia se modificado. A Itália estava sendo há algum tempo beneficiada pelas remessas financeiras provenientes dos súditos no exterior (Constantino, 2012, p.313) e diante da naturalização em massa efetuada pelo governo brasileiro, haveria necessidade de acompanhá-los mais de perto sob o risco de perder essas remessas. Por outro lado, há também a questão da italianidade. A migração em massa de italianos que, num primeiro momento, foi vista pelas autoridades como uma saída para resolver a questão do desemprego e do excedente populacional, num segundo momento foi ressignificada. A grande massa de desempregados que buscavam no além-mar alternativas de sobrevivência passou a ser vista dentro de uma ótica imperialista como súditos da Grande Itália no exterior. Anos mais tarde tal essa visão será gerida e desenvolvida pelo Estado fascista dentro de um quadro nacionalista extremado.

Os relatos dos viajantes analisados nesse artigo trazem diferentes elementos que, em geral, procuraram positivar a experiência imigratória e o relativo sucesso dos italianos no exterior, embora críticas também estejam presentes. Devemos ter em mente que tais textos foram publicados na Itália, portanto direcionados a um público maior para fazer conhecer as experiências de seus conterrâneos em um momento de construção do nacionalismo italiano.

A imagem do imigrante pobre que fugia da situação de penúria e miséria é transformada na figura do colonizador que venceu o ambiente selvagem e prosperou. Assim, os discursos veiculados na maioria das vezes ressaltam as contribuições dos imigrantes para o progresso e o desenvolvimento dos lugares onde se estabeleceram, no caso o Brasil Meridional, e que esse progresso, econômico



e cultural, se dava pelo espírito empreendedor, pela capacidade de adaptação, pelo esforço e principalmente pela manutenção de práticas herdadas da pátria ancestral. Entretanto, para que tais práticas se mantivessem, seria necessário o empenho e a atenção das autoridades italianas, tanto do Estado como da Igreja.

Referências bibliográficas

BENEDUZI, L. F. Conquista da terra e civilização do gentio: o fenômeno imigratório no Rio Grande do Sul. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 12, n. 21/22, p.271-294, jan./dez. 2005.

BRUNELLO, P. **Pionieri; gli italiani in Brasile e il mito della frontiera**. Roma: Donzelli Editore, 1994.

COLBACCHINI, P. Le condizioni degli emigrati nello Stato di Paraná in Brasile. In. **Con gli emigrati negli Stati di S. Paolo, Paraná e Rio Grande do Sul 1884-1901**. TERRAGNI, G. (org.). Roma: Autoreinediti, 2016.

COSNTANTINO, N. S. de. Viajantes italianos, imigração e italianidade no Brasil. **Estudos Ibero-Americanos**, PUCRS, v. 38, supl., nov. 2012, pp.312-325.

CUSANO, A. **Italia d'oltre mare: impressioni e ricordi dei miei cinque anni di Brasile**. Milano: Stabilimento tipografico Enrico Reggiani, 1911.

FRANCESCONI, M. **Storia generale della congregazione scalabriniana**. Vol. III. Le prime missioni nel Brasile (1888-1905). Roma: Centro Studi Emigrazione, 1973.

FRANCO, S. M. S. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. In. FRANCO, Stella Maris Scatena; JUNQUEIRA, Mary Anne. **Cadernos de seminários de pesquisa: Projeto Temático/FAPESP – Cultura e Política nas Américas: Circulação de Ideias e Configuração de Identidades**. São Paulo: USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2011.

JUNQUEIRA, M. A. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos



de viagens como fonte para o historiador. In. FRANCO, Stella Maris Scatena; JUNQUEIRA, M. A. **Cadernos de seminários de pesquisa**: Projeto Temático/FAPESP – Cultura e Política nas Américas: Circulação de Ideias e Configuração de Identidades. São Paulo: USP-FFLCH-Editora Humanitas, 2011.

MACHADO, B. P. *et al.* **História do Paraná**. Curitiba: Grafipar, 1969.

MAPPA da Zona colonizada do Estado do Paraná organizado pelo Engenheiro Dr. Ferreira Correia, 1927. Arquivo Público do Paraná. M110/Gav. F

PAZ, F. M. História e cotidiano: a sociedade paranaense do século XIX na perspectiva dos viajantes. **História: Questões & Debates**. Curitiba, v.8, 1987.

_____. **Na poética da História**: a realização da utopia nacional oitocentista. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.

RELATÓRIO do presidente da província do Paraná. Adolpho Lamenha Lins.1877. disponível em <www.arquivopublico.pr.gov.br> Acesso em: 10/06/2017.

VERONESE, R. Le colonie italiane negli stati meridionali del Brasile. **Italica Gens**, Anno IV, Maggio-Dicembre 1913.

VANNUCCI, A. **Un baritono ai tropici**. Diario di Giuseppe Banfi nel Paraná. 1858. Reggio Emilia: Diabasis Edizioni, 2007.

Recebido: 10 maio, 2017.

Aceito: 11 jun., 2017